



## ORALIDADE E GÊNERO NA UNIÃO DO VEGETAL, EM PORTO VELHO/RO

Xênia de Castro Barbosa\*  
Maria Enisia Soares de Souza\*\*  
João Baraldi Neto\*\*\*

### RESUMO

A União do Vegetal apresentou-se a nós como instigante oportunidade de pesquisa no campo dos estudos de gênero e da oralidade, devido à beleza plástica de seus rituais. Nesses rituais percebemos que a palavra falada, os conselhos e as chamadas (cânticos e orações) ocupam lugar privilegiado na transmissão dos conhecimentos. A responsabilidade pela transmissão oral desses conhecimentos repousa, sobretudo, nos fiéis do sexo masculino, uma vez que determinados conhecimentos e o posto de mestre só são acessíveis aos homens. Diante da constatação, indagamo-nos sobre qual seria o papel e o lugar da mulher na União do Vegetal, que argumentos seriam utilizados para justificar a proeminência masculina dentro da religião e se haveria conflitos de gênero.

**Palavras-chave:** Religião; oralidade; gênero.

### ORALITY AND GENDER IN THE UNIÃO DO VEGETAL IN PORTO VELHO/RO

#### ABSTRACT

The União do Vegetal has been introduced to us as an encouraging opportunity for research in the study field of gender and orality, due to the plastic beauty of their rituals. In these rituals we realized that the spoken word, the advice and the calls (chants and prayers) receive a privileged position in the transmission of knowledge. The responsibility for the oral transmission of this knowledge lies, above all, in the male believers, as some types of knowledge and the

---

\* Mestre em História pela USP. Doutora em Geografia pela UFPR. Docente de História do IFRO-Câmpus Porto Velho Calama.

\*\* Mestre em Linguística. Professora da Faculdade Metropolitana.

\*\*\* Acadêmico do curso de Direitos da Faculdade Católica de Rondônia.

master's position are accessible only to men. In light of this, we wonder what role would the women have and where the women would fit in União do Vegetal; which arguments would be used to justify the male prominence inside the religion, and if there were gender conflicts.

**Keywords:** Religion; orality; gender.

## ORALIDAD Y GÉNERO EN LA UNIÃO DO VEGETAL EN PORTO VELHO/RO

### RESUMEN

La União do Vegetal se presentó ante nosotros como una oportunidad para la pesquisa de campo en los estúdios del gênero y de la oralidad, cuanto a la belleza plástica de sus rituales. En esos rituales vimos que la oralidade de la palabra, los consejos y las invitaciones (cantos y oraciones) ocupan lugar privilegiado en la transmisión del conocimiento. La responsabilidad por la transmission oral del conocimiento se hace, generalmente, por los fieles del sexo masculino, una vez que el posto de maestro sólo es destinado a los hombres. Delante de esta constatación, nos preguntamos cual seria el papel y o lugar de la mujer em la União do Vegetal, qué argumentos seriam utilizados para justificar la importância masculina dentro de esta religión y si existen conflictos de gênero.

**Palabras clave:** Religión; oralidad; gênero.

### INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta as reflexões iniciais da Pesquisa “Oralidade e Gênero na União do Vegetal”, desenvolvida em Porto Velho, Rondônia. O estudo tratou de investigar, a partir de abordagem qualitativa e procedimentos da investigação participante as configurações das relações de gênero no núcleo religioso Caminho do Mestre, na zona rural de Porto Velho, o papel desempenhado pela oralidade, bem como dimensionar a atuação feminina na transmissão dos saberes concernentes àquela religião.

O estudo, de perfil qualitativo, baseou-se na metodologia da História Oral (José MEIHY, 2005) para a constituição do *corpus* documental que embasou as análises. O trabalho com as histórias de vida de viés temático compreendeu os processos de Transcrição, Textualização e Transcriação (Alberto CALDAS, 1999).

Os critérios de seleção da amostra pautaram-se no critério faixa etária, sendo entrevistados homens e mulheres entre 25 e 60 anos. Dentre os critérios de inclusão adotados constam o de serem associados da UDV – União do Vegetal e desejarem, espontaneamente, contar suas histórias de vida. A seleção exclusiva de sócios se justifica por serem essas pessoas praticantes da religião com alguma assiduidade, possuidoras de um conhecimento mais sistemático da doutrina e do cotidiano de fé, e por terem disposição em compartilhar suas experiências com a Academia.

O caderno de campo foi um recurso utilizado para o registro das festas e informações adicionais às entrevistas, e para o registro de experiências e intelecções tecidas durante as cerimônias religiosas. Estas últimas foram anotadas após o término das cerimônias, quando já estávamos em nossas casas, porque não nos foi recomendado o uso do instrumento durante as cerimônias, assim como não foi autorizado o uso de gravador e filmadora durante as cerimônias de cunho religioso.

O estudo teve como escopo analisar as relações entre oralidade e gênero e, embora estas tenham sido apreendidas em um contexto religioso, a religião, propriamente dita, não foi o objeto central deste estudo, mas o território a que nos dirigimos para compreender como se efetivam as relações entre homens e mulheres, como essas pessoas expressam pela modalidade oral da língua suas impressões sobre o ser udevista e que papel e lugar estão reservados às mulheres.

Em nossas escolhas analíticas, consideramos a religião como sistema cultural (Clifford GEERTZ, 1989), o que implica em considerá-la para além dos aspectos metafísicos, evidenciando não apenas os aspectos simbólicos e ideológicos, mas as práticas sociais que lhe dão forma e sentido e que, dialeticamente, são modificadas ou reificadas por ela. Para Geertz ela é

(...) um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Clifford GEERTZ 1989, p. 104-105).

Entendemos que a religião União do Vegetal (UDV) engloba aspectos metafísicos e normativos que para serem bem compreendidos demandam maior tempo de pesquisa e convívio com o grupo, sendo recomendada a realização de trabalho de tradição oral. O que por ora apresentamos é, portanto, nossa primeira aproximação da problemática.

A categoria analítica Gênero é central para este estudo, na medida em que possibilita problematizar as diferenças entre masculino e feminino para além da biologia, argumentando acerca de sua produção histórica e das simbolizações que as diversas sociedades elaboram a seu respeito. Esse conceito, de aparecimento tardio na historiografia, é considerado também, no campo das pesquisas históricas, como “um código-chave inventado para superar impasses a que a história das mulheres havia chegado” (Suely COSTA, 2003, p. 188). Para a historiografia, a categoria gênero amplia as possibilidades de compreensão acerca da categoria “mulher”, que se fez presente nas pesquisas históricas com maior ênfase a partir dos anos 1960 e que nos últimos anos tem passado por um relativo recuo, nesse campo da ciência.

Embora a categoria Gênero mostre-se adequada aos propósitos do estudo, a categoria Mulher também foi utilizada, em consonância com a ideia difundida pelos movimentos feministas de matriz anglo-saxônica, que apresenta a categoria como apta não só a salientar diferenças entre os gêneros, mas ressaltar a identidade do “ser” mulher. Assim, operamos com essas duas categorias, a primeira em abordagem relacional e a segunda com vistas a explicitar os sujeitos históricos específicos a quem detivemos nosso olhar na pesquisa.

Em relação à participação feminina na religião a interpretamos na perspectiva adotada por Linda Whoodhead (2002), a saber, a de que a participação feminina nas instituições religiosas se explica pelo fato de as religiões lhe fornecerem um espaço social que de outra forma não poderia ser facilmente acessado por elas. Para a autora, esse espaço aberto pelas religiões provê às mulheres “um capital social e cultural que habilita a formação de identidade” (Linda WHOODHEAD, 2002, p. 4). No que concerne às conexões teóricas entre religião e gênero, entendemos que ambas “são usados para representar, encarnar e distribuir o poder na sociedade” (Linda WOODHEAD, 2013, p. 79), configurando-se, desta forma, como sistemas de repartição de poder.

O conceito de Oralidade foi utilizado por considerarmos a UDV uma religião de oralidade secundária (Walter ONG, 1999), ou seja, que já experimentou as interações com a escrita, mas que ainda valoriza a transmissão oral dos conhecimentos e estimula o desenvolvimento da memória. A oralidade pode ser compreendida como matriz cultural da linguagem e no caso em tela, elemento central que perpassa as relações sociais e a transmissão dos saberes, tanto os religiosos quanto os vernaculares, naquela instituição religiosa.

Religião, gênero e oralidade são entendidos, portanto, como sistemas de poder que encerram uma gama variada e complexa de relações de dominação historicamente desenvolvidas.

Quanto à estrutura, organizamos o texto em três partes, sendo a primeira um histórico do Centro Espírita União do Vegetal, onde as relações se estabelecem e onde as manifestações orais, no caso, as exortações, os conselhos, os cânticos se realizam e sobre as quais ouvimos de entrevistados suas opiniões e declarações. No segundo momento, tomam espaço no texto as questões da oralidade, do dizer sobre a religião, sobre o estar e o ser membro da UDV. Em terceiro e último lugar, reservamos as discussões que versam sobre as relações de gênero, buscando compreendê-las em âmbito que se limita à religião, ao papel da mulher nas cerimônias, nas demais atividades e rituais religiosos bem como situações que denotem conflito de gênero.

## **1. O PODER DO VEGETAL**

O Centro Espírita União do Vegetal, mais conhecido como “União do Vegetal”, ou “UDV”, foi criado em Porto Velho em 22 de julho de 1961, por José Gabriel da Costa - um trabalhador nordestino que viera para a região Amazônica no contexto da Batalha da Borracha (1942-1945).

A Batalha da Borracha foi uma das operações executadas pelo governo brasileiro em cumprimento aos Acordos de Washington de 1942, com vistas a fortalecer o sistema de defesa brasileiro e suspender o fornecimento de recursos naturais estratégicos para os países do eixo, definindo os Estados Unidos como principal parceiro comercial do Brasil. A operação deslocou para a Amazônia mais de 50 mil trabalhadores nordestinos, que travariam suas batalhas pessoais para a sobrevivên-

cia na selva, em que vicissitudes de ordem natural tornavam-se ainda maiores diante das ausências do Estado e do sistema de exploração econômica vigente.

“Mestre Gabriel”, como ficou conhecido José Gabriel da Costa, trabalhou como seringueiro no Acre e na Bolívia, construindo um rico conhecimento botânico, de caráter empírico. A partir desse conhecimento vivencial, passou a se designar como “Sultão das Matas” e a realizar orações e aconselhamentos à população do lugar, bem como a produzir garrafadas de ervas medicinais que teriam poder curativo de diversas doenças. Suas práticas religiosas mesclavam elementos do Cristianismo, do Espiritismo, de Pajelanças indígenas e de religiões de matriz africana, mas, essas práticas sofreram fortes alterações após seu contato com a ayahuasca, conhecida como “Vegetal”, “hoasca”, “chá do mariri”, “chá misterioso” e “chá da recordação”<sup>1</sup>.

O Mestre teve seu primeiro contato com o Vegetal em 1959, apresentado por um caboclo da região chamado Chico Lourenço. Após tomar o chá acessou em sua memória conhecimentos esquecidos, considerados de vidas passadas, sentindo-se apto a se tornar mestre. Dessa experiência consigo, com sua própria consciência e transes, criou uma religião que atraiu milhares de adeptos não só no Brasil, mas em países europeus e do continente americano. Uma religião que mescla elementos simpáticos a diversas culturas, como o espiritismo kardecista, a umbanda, o catolicismo popular, a capoeiragem e as pajelanças amazônicas, tonificadas por um misticismo ecológico, caro à geração de Woodstock e às novas gerações, que vêm sendo formadas em um processo de educação ambiental que transcende aos muros e currículos escolares.

Na perspectiva interna à religião, contudo, isso que chamamos de “primeiro contato” é entendido como o reencontro do Mestre com o Vegetal, nessa encarnação, pois ele já teria experimentado o poder da “força estranha” em outros destacamentos<sup>2</sup>, e o que chamamos de criação da União do Vegetal, para os fiéis, é a recriação, a religação de

<sup>1</sup> No Centro Espírita Caminho do Mestre, notamos a preferência pelo termo “Vegetal” – que equivale ao chá elaborado com folhas de chacrona e cipó de mariri. Por isso, também optamos pelo uso do termo “Vegetal”, ao longo deste texto.

<sup>2</sup> Segundo os colaboradores entrevistados, essa categoria nativa significa a encarnação identificada pelo nome da pessoa. Mestre Gabriel teria tido três encarnações, uma como Caiano, uma como Iagora e uma como Mestre Gabriel.

um conhecimento milenar, ensinado pelo rei Salomão, que ficou perdido por longo tempo. Esse conhecimento é percebido pelos fiéis como “um tesouro”, tesouro esse que era buscado incessantemente pelo mestre Gabriel desde quando vivia na Bahia, e foi encontrado/reencontrado nos seringais amazônicos. Laura Gabriel, neta do mestre, relatou em sua entrevista que seu avô era mal compreendido quando falava que estava procurando um tesouro e, algumas pessoas, como sua avó, imaginavam que ele estava falando de botija enterrada com moedas de ouro, mas ele tinha clareza de que o que buscava “era muito mais fino do que o ouro e a prata”.

O tesouro de mestre Gabriel foi encontrado pouco antes do início dos anos de chumbo da ditadura militar brasileira. Era urgente protegê-lo, pois em Porto Velho, naquela época, por falta de ativistas políticos de destaque, o Exército centrava suas ações na perseguição de terreiros de umbanda ou qualquer outra expressão religiosa considerada desviante. A violência contra os religiosos ainda se faz presente na memória e nos relatos dos que viveram os anos de 1960 e 1970 em Porto Velho. Dona Lucila Lins, católica, afirma que “sentia pena quando via a polícia chegando e metendo bala nos tambores de Mãe Esperança”.

Conforme registro no site oficial da entidade religiosa

No início, a UDV não tinha registro oficial. A polícia chegou a prender o Mestre da União, indevidamente, o que ocasionou o registro da Associação Beneficente União do Vegetal e a publicação, no jornal Alto Madeira, da “Convicção do Mestre”, uma defesa pública dos princípios e objetivos da UDV. Tendo suas atividades temporariamente suspensas no início dos anos 70 pela Divisão de Segurança e Guarda do Território do Guaporé, a UDV impetrou um mandado de segurança, quando se passou a denominar definitivamente esta instituição como Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV, 2014, p. 1).

O registro oficial da religião como “Centro Espírita Beneficente” visava não só legitimar a prática, que já acontecia em residências de populares e na própria casa do mestre, como protegê-la das perseguições do novo regime político. Diante de toda a repressão que havia, não há mistério no fato de o Mestre ter previsto sua própria prisão, em decorrência de sua liderança espiritual.



Ao fundar a UDV, José Gabriel deixa de ser o “Sultão das Matas” (caboclo com o qual prestava atendimentos), para ser um “mestre de luz” que orienta os humildes no caminho da progressão espiritual. A religião é espírita, mas a incorporação de espíritos é desestimulada e mesmo a invocação de espíritos (o espírito do Mestre e de seu batelão) é feita com muita moderação, apenas nas chamadas religiosas ou em situações de urgência, como a vez em que a mestre Pequenina, já viúva do mestre Gabriel e em dificuldades financeiras para sustentar os filhos que teve com ele, invocou-o exigindo que tomasse providências quanto ao cuidado dos filhos:

Tem uma história que é falada, que eu já ouvi muitas vezes: a mestre Pequenina passava por uma série de dificuldades e tinha os filhos para criar, e ela se colocou de frente uma vez, de um quadro que tinha a imagem do mestre Gabriel e conversou com ele, chamando-o ... Não vou dizer todas as palavras assim, mas algo no sentido de que ele fizesse alguma coisa pela família dele, pelos filhos dele. E instantes depois chegou uma pessoa, bateu palma na casa dela para fazer compra de tijolos, ele tinha uma olaria e quando faleceu deixou aquilo para a família. Essa pessoa que chegou lá comprou muitos tijolos e passou a ser o melhor freguês, e sempre que ele chegava comprava tijolos em grande quantidade, dando condições de mestre Pequenina sustentar a família com dignidade. Essa é uma das manifestações que já ocorreram, que a gente tem relato, mas tem muitas outras (Eduardo Sarmiento RESENDE. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, 2014).

A incorporação de espíritos, “caboclos” e outras entidades religiosas deixa de ocorrer, para dar lugar a um caminho de aperfeiçoamento espiritual dos fiéis, um caminho de busca do autoconhecimento e da verdade. Na nova prática liderada por Mestre Gabriel, a ênfase recai na busca do crescimento espiritual do indivíduo e no regramento de sua vida social, com vistas à construção de uma cultura de paz. Para seus adeptos, Salomão veio ao mundo para trazer sabedoria, Jesus para trazer o amor que redime, e mestre Gabriel para ensinar a paz. A base para a construção desse mundo, conforme a doutrina udevista, é a família e o trabalho.



As cerimônias de sessão de Escala<sup>3</sup> na União do Vegetal têm no consumo do Vegetal uma de suas atividades primordiais. De fato, logo após a abertura da seção e a leitura das informações acerca das regras de conduta e participação na entidade, é feita a convocação da assembleia, por ordem hierárquica, a comungar o Vegetal. Primeiramente são chamados os sócios detentores de funções, seguidos dos sócios sem função religiosa específica, dos não associados e dos adventícios (participantes pela primeira vez). Adultos e crianças degustam o chá conforme quantidade servida pelos auxiliares do mestre, que são em número de 12, em alusão aos 12 apóstolos. Para os adultos, a dose servida é de 150 ml, podendo ser um pouco menos para os adventícios. Para os sócios, não há limites para o consumo, contudo, nas cerimônias presenciadas, as pessoas se contentaram com o copo de 150 ml, e apenas o mestre responsável pela cerimônia repetiu a dose.

O Vegetal é um composto resultante da cocção e fervura das folhas de um arbusto de nome chacrona (*Psychotria viridis*) e do cipó popularmente conhecido como mariri (*Banisteriopsis caapi*). O composto contém beta-carbolinas, DMT (Dimetiltriptamina) e alcalóides como Harmina, Harmalina, Tetrahydroharmina, que atuam como psicotrópico, podendo ocasionar mirações (visões, alucinações) e/ou delírios auditivos.

As sensações ocasionadas pelo consumo da bebida variam, podendo incluir desde sensações agradáveis como de relaxamento muscular e sono, até sensação de angústia e pânico, com aceleração dos batimentos cardíacos e perda de consciência (desmaio), sendo este último mais raro de acontecer. A intenção dos religiosos, ao consumir a bebida é aprimorar a consciência e aumentar o poder de concentração.

O consumo do chá costuma promover, por um período de três a quatro horas, um estado de transe sem perda de consciência, denominado “burracheira”, em que o adepto fica susceptível a visões e reflexões sobre sua própria vida ou sobre o conteúdo doutrinário ensinado na cerimônia. A burracheira, segundo a União do Vegetal,

(...) é o nome dado ao efeito da Oaska no espírito humano e significa “força estranha”. Revela a dimensão espiritual e a existência do Sa-

<sup>3</sup> Sessões de Escala são as cerimônias normais, que ocorrem a cada quinze dias nos centros espíritas da União do Vegetal.

grado. Durante o tempo em que essa força se manifesta, o discípulo experimenta grande clareza e discernimento e recebe ensinamentos sobre a própria existência. Dada a profundidade e a intensidade das revelações que a Oaska proporciona, a burracheira nem sempre é uma experiência fácil, embora seja sempre benéfica e purificadora (UDV, s/d, disponível em <<http://www.uniaodoVegetal.org.br/burracheira/burracheira.html>>, acesso em 18/09/2015).

Em função do desconforto que a burracheira pode ocasionar em certos neófitos, a doutrina udevista orienta para que os rituais sejam conduzidos por mestre experiente e com sólida formação espiritual. O desconforto físico que o Vegetal pode ocasionar é compreendido pelos religiosos e pelas religiosas como processo natural de purificação.

Ao passo que os fiéis aprimoram, por meio do Vegetal, sua relação com o Sagrado, realizam um movimento de conversão que requer a autotransformação e a renúncia aos elementos mais superficiais da vida, em busca de uma existência mais autêntica, coerente e solidária. Recomenda-se certo desapego das vaidades e preocupações materiais em prol de uma vida mais contemplativa e espiritualizada, mas não se pode afirmar que os fiéis sejam orientados a negligenciar a vida terrena, o cuidado de si e o cuidado do outro. Ao contrário, são estimulados a trabalhar, gerir a família e ajudar ao próximo. Ao que parece, há uma educação econômica para se viver bem, e esse viver bem significa dispor do necessário sem se tornar escravo dos ditames do consumismo.

As exortações para a conversão são proferidas de modo sereno, respeitando-se o caminho que cada um deve trilhar para chegar ao seu ideal de virtude. Possuem cunho cristão e edificante da vida social, incentivando o desenvolvimento de comportamentos morais e responsáveis para consigo próprio e para com a sociedade em geral. Frases do tipo: “dai a César ao que é de César”, em alusão ao cumprimento dos deveres de cidadãos e contribuintes, ou “eduque seu filho para que o sistema prisional não precise fazê-lo” são recorrentes. Nas cerimônias das quais participamos as exortações e conselhos caracterizam-se pelo caráter prático, aplicável à vida cotidiana.

O clímax da experiência religiosa no Centro Espírita Caminho do Mestre, da União do Vegetal, são as mirações. Mirações são visões de

tipo mental, que prescindem dos sentidos da visão. No contexto ritualístico da UDV, as mirações são interpretadas como um canal aberto para a elevação espiritual, uma abertura no tempo para o encontro do fiel com sua própria consciência e/ou com a divindade que cultua. As experiências de mirações, no momento em que se manifestam, costumam provocar o sentimento numinoso (Rudolf OTTO, 1992). Esse sentimento, que de tão impactante foge à razão e às lógicas discursivas, promove reflexões profícuas no homem e na mulher religiosa. Alguns, após o encerramento da cerimônia religiosa, tentam transpor em narrativa aspectos do conteúdo visualizado, outros, só depois de muito tempo conseguem recriar em narrativa parte da experiência vivida, e outros, por sua vez, jamais conseguirão se pronunciar sobre o fenômeno, mas o trabalharão internamente para atendimento de necessidades específicas.

Embora haja dificuldade em falar-se sobre o fenômeno das mirações, ou, pelo menos, de certas mirações ou certos conteúdos, devido a seu caráter de tabu, as visões precisam ser compartilhadas para legitimar a fé, confirmar crenças e demonstrar conversão espiritual.

De acordo com Arneide Cemin, em estudo sobre o Santo Daime,

As mirações precisam ser contadas e recontadas, e é aí que o espaço da casa assume grande importância, porque é na conversa informal entre os irmãos que as experiências são trocadas, existindo uma interrelação entre o espaço da sede e o espaço da casa (Arneide CEMIN, 2001, p. 11).

Ao narrar sobre as mirações, no espaço doméstico, esse é investido de sacralidade, e nesse contexto, considerando-se a forte presença feminina nesse espaço, reconhecem-se as mulheres como importantes transmissoras dos conhecimentos religiosos.

Ao narrar e ao ouvir sobre as mirações é comum que as mulheres também se apresentem como intérpretes das mesmas, indicando os procedimentos a serem tomados por quem teve a miração. No nosso caso, quando contamos sobre nossas experiências de mirações, antes de recebermos a interpretação de seus significados, tivemos de responder a uma série de perguntas sobre nós próprios, nossas famílias e profissão. Isso demonstra que, embora as mulheres sejam possuidoras

de um rico repertório de significados simbólicos, não são precipitadas ou descuidadas em proferir interpretações e conselhos.

As mirações ocorrem sob o efeito da burracheira, mas, esta não dura o período todo da cerimônia. A burracheira começa a diminuir faltando cerca de uma hora para o término da cerimônia, quando o mestre passa entre os fiéis “cortando-a”. Para os que se sentiam angustiados com o mal-estar físico ocasionado pelo consumo da bebida, esse é um momento de alívio, em que se constrói a sensação de estar-se recobrando plenamente os sentidos (a capacidade de visão, audição e de locomoção que se tinha antes da ingestão do Vegetal).

O uso controlado do Vegetal, dentro do ritual religioso da União do Vegetal, visa possibilitar ao sujeito a meditação, o aperfeiçoamento da memória e o autoconhecimento, que se produz com o subsídio das experiências da burracheira, e as orientações de ordem ética e moral ensinadas nas cerimônias religiosas.

Quando eu bebo o chá tenho a oportunidade de analisar, de sentir, de refletir sobre as coisas que a gente faz e que às vezes não são boas pra gente, para as pessoas ... Mas não é só o chá que faz isso, é ele com os ensinamentos, com as coisas que as pessoas, que os mestres falam. E com isso, quando eu reflito sobre minha vida, vejo que ainda tenho muito que melhorar. (Marilda Teixeira RECLA. Entrevista concedida a Maria Enísia Soares de Souza, 2014).

Também José Raimundo de Matos, que não frequenta a UDV, mas tomou o Vegetal algumas vezes afirma que

O chá não é uma coisa mágica, que a pessoa bebe e muda de vida, que resolve todos os problemas. Ele é algo que ajuda, mas a pessoa tem que querer, tem que ter a disposição de seguir os ensinamentos, que basicamente são os mesmos ensinamentos de Jesus. A burracheira ajuda, ela permite a pessoa ver muitas coisas que, com os olhos do corpo, ela não consegue ver, mas o desafio é sair da burracheira! É colocar em prática os ensinamentos. Eu aprendi muita coisa na União do Vegetal, mas ali não era o meu lugar, por isso que eu saí e retornei ao catolicismo, onde fui batizado e crismado. Isso também foi por respeito a minha mãe, que sempre foi muito católica, e não gostava de me ver em outras igrejas (Raimundo José MATOS. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, 2014).

Assim, não é o Vegetal em si que promove o crescimento espiritual do fiel, mas, os ensinamentos religiosos, que contam com o Vegetal como meio para sensibilizar quanto à riqueza do mundo espiritual. Segundo Rosa Melo (2013, p. 217), “Na União do Vegetal é a doutrina que torna a substância um veículo de ‘conhecimento’, e não seu mero efeito químico no organismo, evidenciando o valor da sobremarcação simbólica que organiza a hipertrofia dos sentidos experimentados no rito”.

Para a compreensão do significado social atribuído ao Vegetal na UDV, é essencial superar a visão de que ele é uma “droga” – o que pode produzir estereótipos e outras concepções preconceituosas, e buscar compreendê-lo na perspectiva religiosa, que o entende como um sacramento.

Para Patrícia Morato Baraldi, a primeira pessoa a quem entrevistamos, o fato de haver preconceitos em relação ao consumo do Vegetal, faz com que muitas pessoas não manifestem publicamente sua identidade religiosa:

Muitas pessoas não entendem o que é o Vegetal e não entendem a nossa religião. Para elas o Vegetal é o LSD da Amazônia, ou então, para os evangélicos, é coisa do Capeta mesmo. Pensam que nós frequentamos a UDV porque somos muito drogados ... Por conta desses preconceitos nós somos muito discretos, nós quase nunca falamos sobre isso, quase nunca dizemos qual é a nossa fé. É difícil, porque as outras pessoas não entendem.

E quanto a sermos viciados, isso é uma acusação muito errada, porque nós somos contra qualquer vício, porque os vícios afastam as pessoas de Deus. O Vegetal, já está comprovado, é inofensivo à saúde humana e não causa dependência, nós temos um departamento científico que faz estudos sobre isso, nós ganhamos o direito de uso religioso do chá. A Suprema Corte dos Estados Unidos também aprovou o uso religioso, e tudo isso foi uma vitória para nós, mas as pessoas mais ignorantes ainda não entendem (Patrícia Morato BARALDI. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, 2014).

O Vegetal congrega as pessoas e promove o respeito e a solidariedade entre os fiéis. Irmanada no chá a comunidade se ajuda de forma que não haja necessitados em seu meio.

## 2. A ORALIDADE E A ESCRITA NA UNIÃO DO VEGETAL

Oralidade e escrita coexistem na União do Vegetal, mas, a primeira é mais valorizada que a segunda, por remontar a uma tradição que tem na palavra falada a transmissão de conhecimentos religiosos e morais e a resolução de conflitos. A respeito da preponderância da oralidade, cabe destacar que, no início da formação da UDV, as pessoas que a compunham eram em sua maioria iletradas. Era necessário, portanto, uma religião que se baseasse no exemplo, na fala e na musicalidade.

A UDV foi criada a partir de experiências de comunidades de seringueiros, em geral caboclos, ribeirinhos e nordestinos – trabalhadores humildes, com baixa ou nenhuma escolaridade. A penetração da escrita nessas comunidades era restrita e a matriz cultural dessas comunidades era eminentemente de base oral. Conforme entrevista que realizamos com Eduardo Sarmento Resende, “Gente que não sabia nem escrever o próprio nome, ele foi colocando na memória, foi colocando na memória, aos poucos. Ensinou a abrir uma sessão, ensinou algumas coisas mais. Ensinou as histórias”.

Pela palavra falada se ensinavam as histórias, os mitos, as expectativas quanto ao comportamento pessoal, quanto ao cuidado com o corpo e em relação ao comportamento que o fiel deveria ter na vida em sociedade. A palavra era também a moeda de garantia de transações comerciais e de negociações outras. Ela possibilitava uma relação de confiança entre os membros do grupo e era suficiente, pelo menos nas relações mais cotidianas. O valor da palavra falada não se limitava, contudo, à regulação das atividades mundanas, mas implicava na reprodução de todo um universo mágico-religioso, que dependia de fórmulas específicas para ser acionado ou controlado. Essas fórmulas, faladas ou cantadas constituem um capital específico de determinados membros da comunidade. Não são todos que sabem as palavras que curam ou libertam, e aprendê-las corretamente, pela audição, é uma oportunidade de distinção social, bem como de provas pessoais que precisarão ser superadas.

Interpretamos os ritos observados como sendo de ‘poesia oral’, e os sujeitos que, ao manipular a vocalidade humana, comunicam conhecimentos relativos à espiritualidade ou a vida secular, identificamos

como “poetas”, na perspectiva discutida por Paul Zunthor (2010). Esses poetas executam performances que constituem o cerne da poesia oral, e o papel social que desempenham é múltiplo e complexo: dirigem cerimônias, cantam, fazem orações, e também estudam, leem, escrevem e realizam ofícios variados na cidade. Dentre esses poetas, no Núcleo Caminho do Mestre, em Porto Velho, há um juiz estadual, um policial federal, um psicólogo, uma economista, uma enfermeira, uma *miss*, um auxiliar de pedreiro, e todos encontram no Núcleo o abrigo para sua arte. Suas profissões, renda, gênero e classe social não os diferencia durante as cerimônias religiosas, e é facultado a todos os membros tomar a palavra, narrar, cantar, declamar. Nem todos, contudo possuem “o dom” ou “a técnica”, ou se sentem preparados para tais ações.

Mestre Gabriel ensinou oralmente, seja por ser herdeiro dessa rica tradição oral cabocla, seja por entender que a escrita, de alguma forma, modificaria profundamente essa relação entre os homens e o sagrado. Conforme Eduardo Sarmento Resende, colaborador deste estudo:

A União do Vegetal é uma religião da oralidade. É uma religião que foi criada na palavra, desde Salomão, como a gente tava falando. E vai trabalhando o grau de memória, conhecendo, ouvindo, perguntando. O papel não é discriminado (*sic*) na União do Vegetal não, mas que garantias reais nós temos de que hoje, o que está escrito na Bíblia, por exemplo, foi aquilo mesmo que ocorreu? (Eduardo Sarmento RESENDE. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, 2014).

Apesar da ênfase na oralidade, que persiste até os dias de hoje na UDV, a escrita se faz presente em alguns momentos, quando entendida como necessária. Na abertura das cerimônias, uma pessoa lê, em tom formal, os documentos oficiais e os informes de utilidade comunitária. A leitura de textos escritos marca, portanto, a abertura das sessões, mas, após isso, é a oralidade que domina toda a sequência do ritual, com chamadas e mantras belíssimos, que apontam para uma natureza milenar e encantada ou para um passado histórico não muito distante, em que a vida rural promovia relações sociais mais sólidas do que as que se costuma encontrar na cidade. Além das orações e cânticos é comum colocar-se músicas de forró ou sertanejas, do estilo raiz, mes-



cladas com poesias e falas, durante as seções. A musicalidade desse ritual e o ritmo repetitivo de algumas batidas e cânticos em capela, atuam como mantra, proporcionando o apaziguamento dos sentidos e estados alterados de consciência.

Uma das chamadas que aludem a um passado milenar é a Chamada do Caiano, que teria sido conselheiro do rei Salomão e o primeiro hoasqueiro (a primeira pessoa a tomar o chá). Caiano é o Mestre Gabriel, em uma de suas vidas passadas.

Caiano, mestre Caiano... É o primeiro oaskeiro  
Eu chamo Caiano... Chamo a burracheira  
Caiano, mestre Caiano. É oaskeiro sem fim  
Eu chamo o rei oaskeiro. Clareia seus caianinhos  
Caiano, mestre Caiano. É quem é a luz no caminho  
É a escada no Vegetal. Os degraus são os caianinhos  
É a escada no Vegetal. Dê graus a seus caianinhos  
Caiano, mestre Caiano. Vem pela luz verdadeira  
Clareia seus caianinhos. Todos pede burracheira.

Ao final das sessões, novamente se percebe a leitura de textos escritos, de caráter informativo, mas não doutrinário. Para Eduardo Sarmiento Rezende, colaborador entrevistado durante a pesquisa,

A União do Vegetal não utiliza o papel para o registro da doutrina porque o papel aceita qualquer coisa. Se a pessoa começa a escrever uma coisa hoje, daqui a 300 anos, duas ou três palavrinhas que se modificarem ao longo dessa jornada já vai mudar muita coisa lá na frente. E quando vai ver, a essência mesmo talvez já nem exista mais, porque o homem tende a ter um egoísmo com ele de transformar as coisas ao seu ver, à sua vontade. O homem tende a fazer isso. Ele tem dificuldade de preservar. Então se der liberdade para um homem fazer algo ele vai fazer do jeito que ele achar mais conveniente (Eduardo Sarmiento REZENDE. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, 2014).

A cultura escrita também se faz presente entre os poetas da UDV, na medida em que estudam para ter um bom desempenho nas cerimônias. Como não há uma escola específica de poesia e oratória,

recorrem à leitura de livros e textos eletrônicos, bem como a arquivos de audiovisuais, por meio dos quais podem observar e aprender com as apresentações de mestres mais experientes. Escrita e oralidade, portanto, encontram-se presentes na União do Vegetal.

Embora o registro oficial, escrito, tenha sido relevante para possibilitar a existência da UDV enquanto religião legitimada pelo Estado, o mestre Gabriel dispensou a escrita para a transmissão dos conhecimentos relativos à fé, preferindo a oralidade e o exemplo como meios para isso. Ele deixou muitos de seus ensinamentos e reflexões gravados em áudio, em fitas K7, e esses documentos podem ser apreciados durante seções especiais na UDV. Nessa religião, é a palavra que edifica, e ela deve ser clara, sucinta e de utilidade pública.

Ao final das seções, o mestre da cerimônia a franqueia a todos, mas antes de falar, a pessoa deve solicitar autorização do mestre, que em geral a concede. Após apresentar suas perguntas ou considerações, o mestre retoma a palavra, agradecendo à pessoa que teceu considerações ou corrigindo-a publicamente. Presenciamos uma cena em que uma mulher, bastante emocionada, pediu a palavra e falou por cerca de cinco minutos, sobre como sua vida se modificou desde que começou a tomar o Vegetal. Suas palavras foram edificantes do ponto de vista moral, mas um tanto quanto confusas em alguns aspectos, e o mestre, após agradecer sua participação, chamou-lhe a atenção, para que da próxima vez fosse breve e mais clara com relação à mensagem que deseja transmitir.

A escrita está presente no Centro Espírita União do Vegetal, mas esta difere das religiões judaico-cristãs por não se firmar em um livro sagrado. Não há uma escritura sagrada. Não são os textos escritos que constituem seu alicerce, mas sim a palavra cantada e a palavra falada. A escrita, quando presente, é lida em voz alta ou entoada, enfatizando por meio da oralidade as informações do texto:

A oralidade é a base para a manutenção da tradição religiosa. O mestre optou que os ensinamentos fossem feitos na palavra falada e na palavra cantada, porque já era assim há muito tempo... Mas a União do Vegetal não repudia e nem descrimina a escrita. Em toda Sessão de Escala nós temos a escrita presente. São lidos os documentos,

nos documentos são faladas normas, leis, formas de convivência com os irmãos, é falado da maternidade, da paternidade, de nossa constituição e desenvolvimento espiritual, é falado muita coisa linda mesmo! (Eduardo Sarmiento REZENDE. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, 2014).

A fala marca, portanto, a escrita, seja na performance da leitura, seja como suporte estrutural a ela. O significado da palavra nessa cultura que mescla oralidade e grafia é diferente dos significados atribuídos à palavra nas culturas de expressão majoritariamente escrita. Nas culturas de tradição oral, a palavra existe enquanto prática narrativa, sonora e circular e, nas de tradição escrita, ela é signo registrado em suportes variados (ONG, 1998).

A sujeição da palavra à sonoridade presente na União do Vegetal, e o valor que se confere à memória exemplifica o trabalho delicado de ouvir, observar e construir técnicas mnemônicas que possibilitem o acionamento das informações religiosas, uma vez que não se tem textos escritos aos quais se possam recorrer como auxílio à memória e não se pretende tê-los, uma vez que a religião foi instituída e funciona com base na oralidade.

Na União do Vegetal, a narrativa e o cântico são os principais instrumentos de conservação da memória do grupo e da transmissão dos ensinamentos. Narrar, cantar e conduzir as cerimônias religiosas são atividades facultadas tanto aos homens quanto às mulheres, independentemente do grau que ocupem. Há atividades, contudo, que são socialmente atribuídas a homens e outras a mulheres.

### **3. AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO NÚCLEO CAMINHO DO MESTRE**

Entendemos por relações de gênero as interações entre masculino e feminino realizadas sob o aporte de simbolizações socialmente construídas, para além das determinações biológicas dos sexos. Que homens e mulheres são diferentes e se relacionam de forma diferente com o mundo já é sabido há muito tempo, assim como já são conhecidas as violências e restrições impostas sobre as mulheres ao longo da história, bem como suas lutas por emancipação, razão pela qual não pretendemos nos deter nesse ponto. Nossa meta neste texto é tão

somente descrever as relações observadas, mesclando essa descrição com trechos dos entrevistados.

O Centro Espírita União do Vegetal possui uma estrutura hierárquica em que os fiéis acendem a graus conforme sua participação e crescimento na “palavra” (incluindo-se o nível e qualidade de suas perguntas, as chamadas realizadas e as participações como dirigentes das cerimônias religiosas). Conforme o entrevistado Eduardo Sarmiento Resende:

Nessa hierarquia, as mulheres chegam até o Corpo do Conselho, e os homens chegam ao Quadro de Mestres. Mas o Mestre Gabriel não disse que por ser mestre um homem é mais do que a mulher, ou que a mulher tem menos capacidade que o homem. Nunca trabalhou com essas palavras, até porque ele entregou uma estrela para uma mulher. Uma mulher que fez de tudo para que pudéssemos ter hoje a União do Vegetal, que é a mestre Pequenina, e eu acredito que se ele pudesse ver hoje esse potencial em outras mulheres, ele teria entregado mais estrelas às mulheres, porque o mestre Gabriel é uma pessoa justa (Eduardo Sarmiento REZENDE. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, 2014).

Ao perguntarmos para entrevistadas do sexo feminino sobre se haveria conflito pelo fato de não acessarem os conhecimentos relativos ao último grau da UDV, as respostas foram unânimes em sua negativa. Elas afirmam compreender ser essa a ordem deixada pelo Mestre, e que o fato de alcançarem o Corpo do Conselho já é suficiente, uma vez que essa é uma função de grande relevância.

Observamos que as entrevistadas sentem-se felizes com os graus que lhe são conferidos porque sabem que seu papel é fundamental dentro da religião. Elas são as conselheiras, sem as quais os homens não conseguem chegar ao grau de mestre. Para alcançar esse grau, que é o último na UDV o homem deve ser casado e ter uma boa relação com a esposa.

Suas narrativas expressaram o entendimento de que homens e mulheres necessitam-se mutuamente e nenhum é superior ao outro. A divisão sexual do trabalho, existente na União do Vegetal, não é vista como algo que limita a mulher ou que a torna inferior, mas como um trabalho tão digno e necessário como os exercidos pelos homens:

A mulher precisa do homem e o homem precisa da mulher. É claro que existe machismo no mundo, que as mulheres lutaram muito pelos seus direitos e ainda precisam continuar lutando, mas aqui não nos sentimos inferiores em nada! Vai dizer que a limpeza do ambiente não é importante? Vai dizer que uma comida gostosa não é importante? Nós gostamos de estar numa casa limpa e de comer alimentos bons. Limpar e cozinhar de forma alguma são coisas degradantes, isso é equívoco do feminismo! (Maria Letícia Costa SALVIANO. Entrevista concedida a João Barandi, 2014).

Patrícia Morato Baraldi assim introduz sua opinião:

Olhe para mim: eu sou uma economista, tenho a maior renda da casa, sou eu que mando na minha casa, eu que tomo as decisões. Mas eu respeito o meu marido e respeito a tradição da União do Vegetal, porque é assim que a religião se constituiu. Só uma mulher é mestre, que é a Mestre Pequenina, esposa do mestre Gabriel, porque ela andou com ele pelos seringais, pela floresta, trabalhou muito e foi co-fundadora da União do Vegetal.

Nós estamos felizes por chegar ao Corpo do Conselho, porque essa é uma função muito fina, muito nobre. Nós aconselhamos, nós dizemos o que tem de ser feito, nós encontramos a melhor solução para os problemas, e em casa, nossos maridos nos tratam como rainhas. Você não vai ver marido alcoólatra na União do Vegetal, você raramente vai ver um caso de infidelidade, você não vai ver violência doméstica. Não sei se é preciso competirmos com os homens para ter o título de mestre (Patrícia Morato BARALDI. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, 2014)

O papel de conselheira, a que Patrícia Morato se referiu remete à figura de Hoasca<sup>4</sup>, que teria sido uma importante conselheira espiritual de um rei inca, identificado com o rei Salomão, em algumas versões. Hoasca teria sido uma mulher misteriosa, conhecedora de muitas coisas, de quem o rei era dependente. Por deter vasto conhecimento, essa conselheira era tratada como uma rainha. Sua morte teria causado grande sofrimento ao rei. Em sua sepultura teria nascido um arbusto, chamado pelo próprio nome da conselheira. As folhas desse arbusto, quando em

---

<sup>4</sup> Hoasca aparece em diversas narrativas míticas amazônicas, tanto no Brasil, como em países andinos.

infusão em água juntamente com o cipó Tihuaco (*Banisteriopsis caapi*)<sup>5</sup>, formariam o chá da recordação, por meio do qual todo o conhecimento do mundo poderia ser acessado.

Quando perguntamos a Marilda Teixeira Recla sobre os espaços das mulheres na União do Vegetal, ela nos respondeu que a mulher apenas não chega ao Quadro de Mestres, mas desempenha todas as outras funções, presidindo, inclusive as cerimônias:

(...) É tanto que tem sessões que a mulher dirige, dirige para falar ... Ela dirige bem. Faz chamadas, né? Tipo orações que faz, que a gente chama de chamadas e aí assim, então não vejo que existe preconceito ou que a mulher ocupe espaço inferior ao homem. A mulher tem o lugar dela e não é submissa não (Marilda Teixeira RECLA. Entrevista concedida a Maria Enísia Soares de Souza, 2014).

Além de dirigir as cerimônias religiosas, transmitindo os conhecimentos relativos à religião, as mulheres também desempenham um relevante papel para a confirmação da fé no espaço doméstico. Em suas casas, ensinam à família sobre as verdades e os valores da UDV e colocam em circulação as narrativas e interpretações sobre as mirações, assunto que, dado sua complexidade, quase não é apresentado nos espaços públicos, salvo os espaços religiosos, propriamente ditos. Assim, os espaços privilegiados para se falar das experiências imagéticas proporcionadas pelo consumo do Vegetal são o espaço da casa e o espaço religioso.

Embora tenhamos notado proeminência das mulheres nas atividades relacionadas à interpretação das visões e na própria condução das cerimônias religiosas, também desempenham uma série de atividades tradicionalmente relacionadas ao cuidado e culturalmente vinculadas ao gênero feminino, como a de organização do ambiente das cerimônias e das festas, o cuidado das crianças, o preparo de alimentos, a limpeza, o secretariado, a acolhida dos visitantes e dos fieis, dentre outros.

---

<sup>5</sup> A personagem Tihuaco refere-se a um Marechal inca que teria sido o primeiro a tomar o chá da Hoasca, tendo morrido em razão da bebida. O cipó que nasceu em sua sepultura se tornaria o elemento que faltava para equilibrar o poder da Hoasca. Segundo a narrativa a Hoasca (chacrona), sozinha, pode matar, mas com Tihuaco (mariri) se torna uma bebida benfazeja.

Em estudo sobre religião e gênero, Linda Woodhead (2002), apontou a existência de uma estruturação teórica elaborada pelas sociologias da religião, que consagram à mulher um lugar fixo, a partir das categorias público e privado. Na primeira estrutura teórica, analisada pela autora, a religião operaria a manutenção de papéis tradicionais e domésticos, conferindo um lugar especial à mulher em razão de suas funções domésticas e reprodutoras, como ocorre no Judaísmo Ortodoxo ou no Cristianismo Fundamentalista. Uma segunda estrutura causaria tensões nas mulheres em vista das limitações impostas a elas na esfera religiosa e os desafios e conquistas que obtiveram na vida pública, como profissionais ou lideranças políticas. Nessa estrutura seriam enfatizados, portanto, os papéis e virtudes tradicionalmente relacionadas ao gênero feminino, como a docilidade, a obediência, o cuidado, em geral, e a maternagem, em particular, ocasionando conflitos internos e externos, que em geral são minimizados com o afastamento da mulher das atividades religiosas ou a redução de sua frequência.

A terceira estrutura esboça o movimento de construção de alternativas para a participação feminina no campo religioso, seja por meio de reformas internas às religiões e modelos de cultos, seja por meio da criação de novas religiões, em geral de perfil mais feminino e individualista, com as religiões de matriz Wicca e neopagãs, que cultuam deusas.

Os modelos propostos, apesar de interessantes, não são suficientes para uma classificação adequada da UDV, pois esta, em determinados aspectos reproduz a primeira estrutura, valorizando a mulher por sua capacidade de ser mãe e por sua inteligência emocional. Em outros estimula a participação da mulher nos espaços públicos e incentiva sua emancipação, a partir de um caminho espiritual de autoconhecimento, indicando tendência ao modelo da terceira estrutura investigada por Linda Woodhead (2002). Por outro lado, a amostra de entrevistas com as quais trabalhamos é pequena e não se pode afirmar que não existam tensões entre as conquistas das mulheres no espaço público e as restrições religiosas, embora, todas as mulheres que entrevistamos mostraram-se satisfeitas com a religião e as relações de gênero nela consagradas.

Quando perguntamos sobre o porquê de não participarem de atividades tidas como masculinas, como a colheita das plantas que



compõem o chá ou do preparo do mesmo, elas foram unânimes em informar que estes são trabalhos pesados, que implicam em andar na mata, carregar peso e se expor ao calor do cozimento. Segundo as entrevistadas, não lhes é proibido participar desses trabalhos, e se não houvesse homens para fazê-lo, elas o fariam, pois não se consideram inaptas para tal. Entendem que o trabalho que desempenham também é um trabalho pesado: cozinhar, limpar, transportar água, organizar o ambiente, mas menos extenuante que o desenvolvido pelos homens. Também têm clareza quanto à importância do trabalho que executam: sem água e sem o alimento que elas preparam os homens não conseguiriam desempenhar suas funções.

A divisão sexual do trabalho notada no Núcleo Caminho do Mestre, em Porto Velho pareceu ser consensual e homens e mulheres demonstraram valorizar o trabalho que cada um realiza, sem desmerecer um ou outro, contudo, em vários momentos ouvimos comentários do tipo: “A Mestre Pequenina é mestre, porque andou pelo meio do mato fazendo mensagem (busca do Vegetal)” e “A Mestre Pequenina é a única mulher que é mestre, porque enfrentou os trabalhos lado a lado com o Mestre Gabriel”. Afirmações como estas nos levaram a entender que o trabalho é um elemento-chave para a obtenção do grau de Mestre e que o trabalho desenvolvido atualmente pelas mulheres, apesar de reconhecido e importante, é subsidiário ao desenvolvido pelos homens. Como ambos operam trabalho concreto, produzindo valor de uso, antevemos os limites que uma interpretação marxista rígida produziria acerca do problema.

As mulheres, além de atuarem na esfera religiosa, também se destacam na organização dos eventos sociais, como casamentos, shows beneficentes e festas de aniversários. Tais eventos têm porte variável. Os de médio e grande porte costumam ultrapassar a escala local, demandando grande esforço de organização para receber as pessoas da comunidade e as vindas de fora, inclusive de outros países.

Com base nesses eventos percebemos que tais mulheres desempenham também o papel de relações públicas e que sua dedicação ao trabalho, para fazer as coisas acontecerem, é intensa. Planejam, organizam, decoram, recebem, cozinham, limpam e ainda, encontram tempo para se apresentarem muito bem arrumadas.

Com base em nossas observações, enquanto as mulheres protagonizam a organização dos eventos sagrados e profanos, os homens cuidam da infraestrutura: construção de barracões, roçado ou capina, instalação de tendas e aparelhagem de som, alocação de mesas e cadeiras, dentre outros, além do preparo do Vegetal, consumido apenas durante as cerimônias sagradas ou em ocasiões de doença, onde se abrem exceções para que o enfermo tome a bebida em seu leito.

Diante do exposto, podemos afirmar que as relações de gênero no Núcleo Caminho do Mestre, da União do Vegetal, em Porto Velho, são marcadas mais pela complementaridade do que por rivalidades. Essas relações, observadas nos espaços públicos das cerimônias religiosas, configuraram-se como de respeito e ajuda mútua, com vistas à manutenção da família e da entidade religiosa. Homens e mulheres se complementam como a chacrona e o mariri.

Como nossas análises centraram-se exclusivamente nas observações feitas no espaço público, religioso, não nos foi possível identificar possíveis tensões entre os gêneros no espaço privado. No que concerne ainda ao espaço público, notamos certa tensão entre homens e mulheres no que diz respeito a ser ouvido. Presenciamos situação em que uma mulher subiu ao palco várias vezes para pedir a atenção dos presentes para uma informação importante, e não recebeu a atenção devida, apesar de pedir, reclamar e apelar para que o povo da UDV seja um povo ordeiro e atencioso. Após três ou quatro tentativas sem êxito - as pessoas, em festa, faziam grande barulho-, um homem subiu ao palco e ao passo em que pegou o microfone, a multidão instantaneamente se calou. Ele pode, então, de forma bem humorada, dar o recado que a mulher havia tentado dar anteriormente.

Notamos certo constrangimento no semblante da mulher, e certo ar de satisfação na face do homem, por ter sido ouvido prontamente pelos presentes. Perguntei quem era o homem que foi tão facilmente ouvido no meio da festa e a resposta que obtive é de que ele era uma pessoa “comum”, de grau mediano dentro da escala da religião, e que ambos eram descendentes do Mestre Gabriel. Não se pode precisar o que definiu o êxito do homem em ser ouvido e a falta de êxito da mulher, mas aventamos que, (1) primeiramente, aquela foi uma situação singular e

que nem sempre é assim, (2) que o destaque do homem, naquela situação específica, teve a ver com atributos de liderança, espontaneidade e carisma, pois o silêncio se fez antes mesmo de ele começar a falar, (3) que é consente na UDV uma transmissão da autoridade e do poder por via masculina, assim, os descendentes do Mestre teriam, na escala das relações humanas, uma posição de maior credibilidade e aceitação do que as descendentes. Por fim, (4) entendemos que a linguagem também foi um fator importante e não pode ser desconsiderado. Por linguagem identificamos os gestos e a maneira de portar-se no palco, ou seja, a performance que envolve o discurso.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A União do Vegetal é uma religião ayauasqueira plasmada na sabedoria tradicional dos povos da floresta. Sincrética, mescla elementos do catolicismo popular, do espiritismo Kardecista, umbandista e da New Age, na busca de um caminho de elevação espiritual, aperfeiçoamento moral e autoconhecimento. Essa religião tem na oralidade a base da transmissão de seus conhecimentos e, para isso, estimula a memória a partir de padrões sonoros como cânticos, mantras e histórias, envolvendo todo o corpo em um processo de aprendizagem e entrega ao sagrado.

Como toda religião, não é um dossel pairando no ar (Peter BERGER, 1967), mas, um fenômeno que se inscreve em uma ordem social sexualizada. Dialeticamente, essa ordem sexual é refletida em sua doutrina e em suas práticas. No caso da religião em tela, homens e mulheres são apresentados como complementares um ao outro, cabendo à mulher aconselhar ao homem para que esse tome decisões mais acertadas. Ele é rei, domina e governa. Ela é serva ou companheira. Sábia, misteriosa, sedutora lhe faz ver o que ele tem dificuldade de enxergar. O trabalho de ambos é valorizado e concorre para o bem e a felicidade do grupo. Homens e mulheres se complementam como a chacrona e o mariri. O espírito de solidariedade e respeito afirmado pelos entrevistados, nas relações entre os gêneros, não exclui, contudo, a existência de conflitos e tensões, quer na esfera religiosa, quer na esfera doméstica.

No âmbito religioso, as mulheres associadas da UDV em Porto Velho, apesar de ocuparem importantes funções na vida pública e, de até

receberem melhores salários que os homens, desempenham trabalhos culturalmente identificados como femininos, como a limpeza e preparação do ambiente, o secretariado, o cuidado das crianças e o preparo de alimentos. Seus trabalhos subsidiam o que é desempenhado pelos homens.

As desigualdades materiais, como as de gênero ou econômicas não são impeditivas do desenvolvimento espiritual e do acesso às riquezas reveladas pelo Vegetal. Já no que concerne aos graus passíveis de serem alcançados na hierarquia da religião, há um limite para as mulheres, que chegam até o grau de membros do Corpo do Conselho, um antes do de Mestre. Uma mulher, contudo, recebeu o grau de mestre, a Mestre Pequenina, esposa de Mestre Gabriel e cofundadora da religião. Embora haja essa prerrogativa, não percebemos, durante as entrevistas e o trabalho de campo, uma organização das mulheres para também alcançarem essa posição.

Por meio de suas práticas materiais e simbólicas, a religião atua de modo a reforçar as relações de dominação de gênero, mas oferece, simultaneamente, às mulheres, um espaço de conforto, no qual se sentem respeitadas, valorizadas e até mesmo tratadas como rainhas. Em um mundo de violência e adversidades, encontrar espaço como esse pode ser visto como dádiva. Desse modo, a adesão feminina à religião e às práticas de compartilhamento das ideologias sexuais tradicionais não pode ser vista como alienação ou simples imposição do poder masculino, mas como negociação protagonizada pelas mulheres em defesa de seus interesses.

## REFERÊNCIAS

- BARALDI, Patrícia Morato. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, Porto Velho, 2014.
- BERGER, P. L. **The sacred canopy**: elements of a sociological theory of religion. New York: Doubleday, 1967.
- CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em História Oral. **Neho-História**. São Paulo: n.1, USP/FFLCH/DH, p. 71-79, novembro 1999.
- CEMIN, A. B. **O poder do Santo Daime**: ordem, xamanismo e dádiva. São Paulo: Terceira Margem, 2001.
- COSTA, S. G. Gênero e História. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de História**: conceitos temáticos e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- MATOS, Raimundo José. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, Porto Velho, 2014.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MELO, R. V. Encantamento e disciplina na União do Vegetal. In: **Anuário Antropológico**, 2013, p. 217-237.
- ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1998. Há outro título de ONG no texto de 1999? A conferir
- OTTO, R. **O Sagrado**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985. Otto no texto é de 1992.
- RECLA, Marilda Teixeira Entrevista concedida a Maria Enísia Soares de Souza, Porto Velho, 2014.
- RESENDE, Eduardo Sarmento. Entrevista concedida a Xênia de Castro Barbosa, Porto Velho, 2014.
- SALVIANO, Maria Letícia Costa. Entrevista concedida a João Barandi, Porto Velho, 2014.
- UDV. União do Vegetal. **Hoasca**. s/d, disponível em <http://www.uniaodoVegetal.org.br/burracheira/burracheira.html>. Acesso em 20 set 2015.
- \_\_\_\_\_, União do Vegetal. **União do Vegetal**. 2014. Disponível em: <http://www.uniao-dovegetal.org.br/udv/> Acesso em 20/11/2015
- WOODHEAD, L. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. **Estudos de Sociologia** Araraquara, v.18, n.34, p.77-100 jan.-jun. 2013.
- \_\_\_\_\_, L. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. **Revista Estudos da Religião**, n. 1, vol. 2, p.1-11, 2002.
- ZUNTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.